

# Um estudo sobre os Refugiados Sírios na cidade de São Paulo e Florianópolis: trajetórias laborais e precarização do trabalho

*Melissa Gabriela Lopes Barcellos Coimbra<sup>1</sup>*  
*Maria Soledad Etcheverry Orchard<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de analisar as trajetórias laborais dos refugiados sírios no Brasil a partir de 2011, ano em que eclodiu a guerra na Síria. Os principais objetivos do presente artigo foram: 1) identificar as trajetórias laborais dos refugiados sírios, verificando suas estratégias de inserção laboral e suas principais redes de acolhimento; 2) identificar os casos de discriminação e preconceito em seus percursos laborais. Aplicamos nesta investigação as narrativas como ferramenta metodológica sobre as trajetórias laborais. Os principais resultados obtidos por meio das narrativas dizem respeito às condições de precarização do trabalho e da vida dos refugiados. Também foram constatados casos de discriminação e preconceito nos percursos laborais dos refugiados sírios.

**Palavras-chave:** Refugiados. Trajetórias laborais. Precarização. Redes. Discriminação.

## A study on Syrian Refugees in the city of São Paulo and Florianópolis: work trajectories and precarious work

**Abstract:** This article aims to present the theme of the presence of Syrian refugees in Brazil since 2011, the year in which the war in Syria broke out. The main objectives of this article were: 1) to identify the work trajectories of Syrian refugees, verifying their strategies for job insertion and their main reception networks; 2) to identify cases of discrimination and prejudice in their work paths. In this investigation, we apply

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia e Ciência Política - UFSC, Florianópolis, SC, Brasil (melissagabarcellos@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política - UFSC, Florianópolis, SC, Brasil (maria.soledad@terra.com.br).

narratives as a methodological tool on work trajectories. The main results obtained through the narratives are related to the precarious conditions of the work and life of refugees. Cases of discrimination and prejudice have also been found in the work paths of Syrian refugees.

**Keywords:** Refugees. Labor trajectories. Precariousness. Networks. Discrimination.

## **Un estudio sobre refugiados sirios en la ciudad de São Paulo y Florianópolis: trayectorias de trabajo y trabajo precario**

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo presentar el tema sobre la presencia de refugiados sirios en Brasil desde 2011, el año en que estalló la guerra en Siria. Los objetivos principales de este artículo fueron: 1) identificar las trayectorias laborales de los refugiados sirios, verificando sus estrategias para la inserción laboral y sus principales redes de recepción; 2) identificar casos de discriminación y prejuicio en sus trayectorias laborales. En esta investigación, aplicamos narrativas como una herramienta metodológica en las trayectorias de trabajo. Los principales resultados obtenidos a través de las narraciones se relacionan con las precarias condiciones del trabajo y de vida de los refugiados. También se han encontrado casos de discriminación y prejuicio en los transcurso de trabajo de los refugiados sirios.

**Palabras-clave:** Refugiados. Trayectorias laborales. Precariedad. Redes. Discriminación.

### **Introdução**

O objetivo geral desse artigo consistiu em analisar as trajetórias laborais dos refugiados sírios nas cidades de São Paulo - SP e Florianópolis – SC. Trata-se de uma temática muito presente na sociedade globalizada (os deslocamentos forçados) e de significativa relevância social, tanto para os países de origem quanto para os países receptores. O leitor poderá nos indagar: porque estudar as trajetórias laborais dos refugiados sírios no Brasil? Por diversas razões: 1) por se tratar da nacionalidade com o maior número de refugiados reconhecidos no mundo; 2) pela importante contribuição dos povos árabes para a formação cultural do povo brasileiro; 3) em razão das manifestações de intolerância de uma parcela da população brasileira contra refugiados e imigrantes,

principalmente aqueles provenientes de países considerados subdesenvolvidos, como Haiti, Bolívia, Venezuela, Cuba e Síria.

A guerra da Síria perdura mais que a 2ª Guerra Mundial, tendo completado dez anos em 2020. O Brasil reconheceu 11.231 refugiados sírios no período entre 2011 e 2018. Todavia, no início de 2020, 6.554 imigrantes encontravam-se nesta condição. Esta redução se deve a diversos fatores, como naturalização, morte, opção pela residência nos termos da Lei de Imigração (Lei nº 13.445/17) e saída do país. Os sírios representam 36% do total de refugiados reconhecidos no Brasil, seguidos pelos congolezes (15%) e angolanos (9%) (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2019). Apesar de ser o grupo mais representativo, em termos mundiais o Brasil não figura entre as nações que mais oferecem refúgio aos sírios, estando muito atrás de países como Líbano, Turquia, Alemanha e Suécia.

**Mapa 1 – Refugiados Sírios por país de destino**



Fonte: elaboração própria, com base nos dados do ACNUR (2018).

Segundo especialistas, a Lei Brasileira do Refúgio (nº 9.474/97) é uma das mais avançadas do mundo, pois contempla sugestões da Declaração de Cartagena<sup>3</sup>. A lei também é “considerada um marco de proteção aos refugiados no Brasil” (JUBILUT; GODOY, 2017, p. 9). No entanto, a implementação desta lei é um processo lento por parte do Estado brasileiro, pela falta de infraestrutura e de recursos humanos, pelas dificuldades de acolhimento, de garantia de moradia, de acesso à educação e ao mercado formal de trabalho.

Considerando estes fatores, elegemos nesta investigação a categoria “trabalho”, “como um suporte privilegiado de inscrição na estrutura social.” (CASTEL, 2012, p. 23). Esta categoria analítica requer a compreensão do atual contexto econômico, social e político do mundo globalizado. Daí a importância em compreender o processo de precarização do trabalho, bem como a importância das redes de acolhimento.

### **As estratégias metodológicas**

Escolhemos as narrativas como ferramenta metodológica desta investigação, com a intenção de permitir reconstruir as trajetórias biográficas e laborais desses migrantes forçados. Através desse recurso se considera a ação social dos indivíduos e o sentido que os mesmos atribuem a seus percursos. Entender a fala de um indivíduo, na perspectiva biografada, é se debruçar sobre o seu passado (em temas específicos), interpretando o contexto atual de sua vida e as suas perspectivas futuras. (ROSENTHAL, 2014). Consideramos de grande valia essa metodologia das narrativas para os estudos migratórios, porque evidencia o processo de “construção social” do imigrante, considerando o

---

<sup>3</sup> O Estado brasileiro é signatário da Declaração de Cartagena sobre refugiados (1984), e agregou os conceitos da Convenção de 1951, assim como do Protocolo de 1967. Lei Brasileira do Refúgio (1997) definiu o refugiado como sendo qualquer um que “devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país. (BARRETO; LEÃO, 2010).

potencial analítico sobre as trajetórias individuais ou familiares, que também possuem correspondência com o seu coletivo. Isto é, trajetórias migratórias são fatos sociais e como tais, são relatos biográficos compartilhados (SEYFERTH, 2005, p. 18). Certamente as narrativas podem constituir-se como um material valioso para a interpretação sociológica do contexto sociocultural e político dos fluxos migratórios, tanto das sociedades de origem como das sociedades de destino, porque registram as experiências migratórias do seu tempo. Os testemunhos biográficos por meio das narrativas seguem o propósito elencado por Muñoz:

Seu interesse é que ele permita que os pesquisadores sociais se situem naquele ponto crucial de convergência entre: 1. o testemunho subjetivo de um indivíduo à luz de sua história de vida, suas experiências e sua visão particular e 2: a formação de uma vida que é o reflexo de uma época, de normas e valores sociais essencialmente compartilhados com a comunidade da qual o sujeito faz parte. (MUÑOZ, 1992, p. 44) (Tradução nossa).

Por exemplo, quando questionamos ao informante os motivos de sua decisão de migrar e da escolha do lugar, esses questionamentos colocam em evidência o momento histórico e político em que aconteceram os deslocamentos, e podem revelar relatos que oferecem representações sociais valiosas para uma interpretação sociológica do fenômeno migratório em qualquer tempo histórico. É através dos relatos dos informantes que podemos identificar, em suas narrativas, quais foram e são suas estratégias e ações em relação aos constrangimentos estruturais de ordem econômica, social, cultural e política nas sociedades de partida e de acolhida.

Tendo esse entendimento do valor da metodologia conduzimos a investigação por meio de entrevistas narrativas. Entrevistamos três refugiados sírios na cidade de São Paulo, em julho de 2018, sendo dois homens e uma mulher. Também foi entrevistado um funcionário da Caritas de São Paulo, capital, a fim

de compreender como se dá a dinâmica de acolhimento, integração e inserção laboral desse grupo de minoria étnica no tecido social brasileiro. Na cidade de Florianópolis-SC, entrevistamos quatro refugiados, sendo três homens e duas mulheres. Ao todo foram entrevistados sete refugiados (as) e um funcionário da Caritas<sup>4</sup>. As informações e análises trazidas para esse estudo têm por base a investigação empírica realizada para esta pesquisa. Preservamos as identidades de todas as pessoas entrevistadas, por isso, os nomes dos informantes são fictícios. O tempo de cada entrevista foi de uma hora e meia a duas horas, com uso constante do gravador. Os locais em que as entrevistas aconteceram foram escolhidos pelos entrevistados.

As duas capitais selecionadas, São Paulo e Florianópolis, apesar de serem cidades com dimensões populacionais e aspectos econômicos muito distintos, ambas contaram com significativa influência árabe em suas formações. No primeiro período da imigração sírio-libanesa ao Brasil, a entrada se deu principalmente através do estado de São Paulo, especificamente na capital, a maior colônia<sup>5</sup>. Entre os anos de 1871 e 1942 chegaram ao Brasil cerca de 25.750 sírios e libaneses. (PEREIRA, 2000). Já em 2016, residiam no Brasil 2.591 refugiados sírios reconhecidos. Além destes, 1209 encontravam-se em situação de solicitação de refúgio. (ATLAS TEMÁTICO, 2018).

Em São Paulo, conseguimos o nosso primeiro contato através de uma ONG, e os outros dois foram contactados através de uma rede social. Já em Florianópolis, conseguimos os contatos através de colegas que frequentam o curso de português para estrangeiros (oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC), e pessoalmente, nos locais de trabalho dos refugiados e eventos

---

<sup>4</sup> A Caritas é uma instituição ligada à Igreja Católica. Essa instituição atua em vários países e atende diversas nacionalidades. No campo das migrações ela desempenha suas ações no trabalho de acolhimento e socorro aos refugiados. Fonte: Informação verbal do Centro de Estudos Migratórios – CEM- Missão Paz – SP - 2018.

<sup>5</sup> São a comunidade de imigrantes e os seus descendentes (TRUZZI, 1999).

organizados por ONGs que exercem o trabalho de acolhimento e orientação.

Assim, por meio das narrativas dos entrevistados na pesquisa de campo, procuramos responder as seguintes questões: como era estruturada a vida laboral na Síria? Quais as áreas de formação e que profissão exerciam antes de eclodir a guerra? Mediante a transição vivida (desde o país de origem até o país de destino), como se sucedeu a vida laboral e a inserção dos refugiados sírios em outras esferas da vida? Quais as áreas de atuação laboral deste grupo no Brasil e quais as estratégias de sobrevivência? Qual o papel das instituições de acolhimento nos processos integrativos? A discriminação e o preconceito fazem parte de seus percursos laborais e em outras esferas da vida no Brasil?

### **Movimentos migratórios e globalização**

Nesse início de milênio tem-se aprofundado o processo de globalização, caracterizado pela crescente fluidez de capitais, mercadorias e serviços, possibilitados por diversas inovações tecnológicas, sobretudo nas áreas de informação e transportes. Todavia, se por um lado parece não existir fronteiras para o movimento de capitais, mercadorias e serviços, por outro, muitas fronteiras são postas para os movimentos de pessoas, principalmente para a classe trabalhadora imigrante, advinda de regiões socioeconomicamente precárias e/ou que tem passado por situações de guerras e conflitos armados. Trata-se dos novos muros (visíveis e invisíveis) do capitalismo contemporâneo que se multiplicaram nas últimas décadas.

Sassen (2010, p. 115-137) analisou que os processos migratórios internacionais estão envoltos em performances político-econômicas maiores, ou seja, “a opção de migrar é produzida socialmente”, portanto, não estão atrelados somente aos Estados-Nações, ainda que o papel e a atuação dos Estados nacionais sejam de suma importância para os processos de regulação migratória, seja mediante as políticas que atendam às necessidades dos imigrantes, ou através da criação de barreiras institucionais aos

fluxos migratórios. Nessa direção, as migrações internacionais do século XXI, globais, transcendem os fatores de expulsão (como a fome e o desemprego) e de atração (como empregos, com bons salários). Sassen (2010, p. 114) observa que “existem outras variáveis no jogo”, como os fatores históricos e coloniais entre os países de origem e de destino dos imigrantes.

Os movimentos migratórios representam fenômenos sociais multifacetados e complexos. Eles abarcam diversos tipos de migrações internas e externas e são decorrentes de inúmeras causas (naturais, econômicas, culturais, políticas, sociais). Além disso, esses movimentos produzem diferentes consequências, tanto para as sociedades de saída quanto para as sociedades receptoras, assim como para os indivíduos envolvidos nesses fluxos migratórios. Trata-se, para esses últimos, do envolvimento em uma trama que muitas vezes é trágica, sobretudo quando entram em cena os movimentos migratórios internacionais de refugiados, que são o objeto desta pesquisa.

De acordo com o Relatório *Global Trends Forced Displacement in 2018*, mais de 70 milhões de pessoas foram deslocadas forçadamente em todo o mundo, dentre as quais 25,9 milhões são refugiados (em situação de perseguição, violência e outras violações de direitos humanos). Conforme registrado nesse mesmo estudo, 57% dos refugiados provêm de apenas três países: Síria (6,7 milhões), Afeganistão (2,7 milhões) e Sudão do Sul (2,3 milhões). A maioria dos refugiados do mundo contemporâneo tem como ponto de partida o Sul global<sup>6</sup>, cujos territórios localizam-se no Oriente Médio, África, América Latina e Sul da Ásia. Já os territórios receptores estão mais distribuídos pelo mundo, podendo ser tanto países do Sul subdesenvolvido (ou emergente) quanto do Norte

---

<sup>6</sup> A expressão Sul global refere-se à divisão Norte-Sul. Esta forma de regionalizar o globo é fruto da nova configuração ocorrida após a desintegração dos países socialistas do Leste Europeu, iniciada com a queda do Muro de Berlim em 1989. Esta classificação global dos países tem por base o nivelamento do desenvolvimento socioeconômico, em substituição à antiga divisão do globo em três mundos.



desenvolvido. Inclusive, o relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados chama a atenção para a noção habitualmente distorcida de que as pessoas deslocadas estão principalmente em países do hemisfério norte, uma vez que os dados mostram o oposto: “[...] 85% dos refugiados estão nos países em desenvolvimento, muitos dos quais são extremamente pobres e recebem pouco apoio para cuidar dessas populações. Quatro em cada cinco refugiados permanecem em países próximos aos seus locais de origem”. (ACNUR, 2017, p. 2) Já o relatório do ACNUR de 2018 aponta os países que mais têm acolhido refugiados nos últimos anos: Turquia, Paquistão, Uganda, Sudão e Alemanha. Além destes, os Estados Unidos, diversos países europeus e países membros do BRICS (como México, Rússia e, mais recentemente, o Brasil) têm também acolhido um número expressivo de refugiados.

Portanto, a parte mais significativa dos refugiados se movimenta nesse fluxo “Sul-Sul”. Essas informações são corroboradas também pelos dados divulgados em pesquisa feita pela BBC em 2019: os movimentos migratórios Sul-Sul alcançaram 97 milhões de pessoas em 2017, já os movimentos Sul-Norte, Norte-Norte e Norte-Sul alcançaram, respectivamente, 89, 57 e 14 milhões de pessoas.

Os deslocamentos humanos forçados são estruturais, estando diretamente relacionados às guerras, crises políticas, perseguições (de ordem política, étnico/racial, de gênero, religiosas) e problemas ambientais (SASSEN, 2016). Não obstante, essas situações de migrações forçadas caracterizam um drama humanitário, ocupando lugar de destaque nos meios de comunicação internacionais e, inclusive, na agenda política de países receptores. Comumente os refugiados são vistos como uma ameaça à segurança nacional e são colocados como alvos de uma narrativa assimilacionista.<sup>7</sup> A assimilação como um conceito sociológico possui variações históricas e diversas interpretações, em variados contextos socioculturais. Pode-se falar em assimilação comportamental e estrutural. No caso da primeira, refere-se

---

<sup>7</sup> Ver texto de Green, Nancy (2008).

ao grupo de migrantes que adquire padrões culturais e sociais da sociedade receptora, mesmo que as relações de alteridade permaneçam. No caso da assimilação estrutural ocorre a destituição das particularidades socioculturais do grupo migrante e isso poderia ser um problema quando usada politicamente por grupos dominantes. (GORDON, 1964).

### **As trajetórias laborais dos refugiados sírios**

Analisamos os percursos sociais e individuais dos refugiados, considerando as atuais condições do capitalismo global e o contexto do mundo do trabalho (precarização, flexibilização, desemprego, informalidade e precariedade em todas as dimensões da vida). (CASTELLS, 1999; BRAGA; 2017; RAMALHO, 2000). Essa condição de precarização, que avança inclusive para outras esferas da vida, se impõe, iluminando nossa percepção das situações enfrentadas e escolhas que vão sendo construídas por esses refugiados. O entendimento de que a precariedade remete ao “fato de que a vida de alguém está sempre nas mãos do outro” nos traz por contraste a ideia de que “a vida exige apoio e condições possibilitadoras para poder ser uma vida vivível.” (BUTLER, 2018, p. 31-40). Ou seja, a contrapartida da vida precária é uma vida com direitos sociais e econômicos que sejam efetivamente atendidos para que a as condições de uma vida decente sejam garantidas.

O ponto de análise nas trajetórias laborais se legitima, como recurso conceitual e operacional de destaque, porque contribui para desvelar as estratégias de sobrevivência dos refugiados. Conforme Gomes (2002), a dimensão temporal é um elemento fundamental para se pensar a ideia de trajetórias e compreender os significados das narrativas que os informantes atribuem aos fatos ocorridos através do tempo e do espaço. Procuramos compreender as formas como cada indivíduo administra a suas trajetórias, quais as suas estratégias de inserção laboral e de integração na sociedade de destino e de acolhida, com os imperativos macroestruturais e econômicos. Assim, as histórias individuais não se encontram descoladas dos marcos institucionais da política e da economia, tanto da sociedade de origem quanto da sociedade de destino.

A guerra da Síria representa um marco na trajetória de vida dos refugiados e refugiadas e essa grande mudança precipita grandes impactos sobre a organização posterior da sua vida laboral. Consideramos em nossa pesquisa o percurso e o contexto do país de origem e de destino das pessoas deslocadas, a fim de compreender as suas trajetórias e processos de integração, especialmente no que diz respeito “a aquisição de uma posição social, econômica e política no novo espaço nacional.” (REA; TRIPIER, 2003, p. 5).

**Tabela 1 - Perfil dos Entrevistados**

| Nome     | Local de Nascimento         | Idade/sexo | Religião | Escolaridade - formação                      | Estado civil | Ocupação na Síria                  | Entrada no Brasil | Ocupação no Brasil  | Residência atual |
|----------|-----------------------------|------------|----------|--|--------------|------------------------------------|-------------------|---|------------------|
| Zayn     | Alepo                       | 29/M       | Islâmica | Superior – Eng. Comp. e design               | Solteiro     | Engenheiro de Computação           | 2014              | Participação na Soc. Beneficente Muçulmana – Mesquita Brasil - SP   | Santo André - SP |
| Naim     | Damasco                     | 45/M       | Islâmica | Superior – Engenheiro Mecânico               | Casado       | Engenheiro                         | 2013              | Ramo de alimentos e com. de roupas na feira da madrugada no Brás.   | Campo Belo - SP  |
| Aysha    | Damasco                     | 28/F       | Islâmica | Superior - Arqueóloga                        | Solteira     | Arqueóloga – Museu Nac. de Damasco | 2016              | Maquiadora e tradutora.   | São Paulo – SP   |
| Mus-tafá | Palestina (sírio-palestino) | 34/M       | Islâmica | Superior incompleto - contabilidade          | Casado       | Comerciante                        | 2015              | Vendedor (Loja de roupas).  | Fpolis - SC      |
| Jesus    | Damasco                     | 28/M       | Islâmico | Superior incompleto - Economia               | Divorciado   | Comerciante autônomo               | 2015              | Modelo, marketing digital, professor de árabe, motorista de aplicativo e atualmente empresário (importação e exportação de pedras preciosas). | Fpolis - SC      |
| Safira   | Damasco                     | 31/F       | Islâmica | Superior – Designer de Moda                  | Casada       | Designer de Moda                   | 2015              | Ramo de alimentos (comida árabe), maquiadora e tatuadora de henna.  | Fpolis - SC      |
| Omar     | Damasco                     | 32/M       | Islâmica | Superior incompleto – Sistemas de Informação | Solteiro     | Comerciante de Motos               | 2014              | Funcionário em Restaurante de Comida Árabe  | Fpolis - SC      |

Fonte: elaboração própria, com base nos relatos obtidos em campo.

Entre os sete refugiados entrevistados, quatro realizaram curso superior na Síria, os outros três tiveram que interromper o curso quando eclodiu a guerra em 2011. Um aspecto comum entre os entrevistados, no que diz respeito às suas experiências laborais, é o de que todos tinham um trabalho estável na Síria, e atuavam em suas áreas de formação. Mesmo os informantes que vieram ao Brasil sem ter completado o curso superior, possuíam trabalhos compatíveis com seus estudos na Síria.

Apesar de estarem faz vários anos no Brasil, nenhum refugiado conseguiu validar os seus diplomas em universidades brasileiras. Somente um conseguiu ser aprovado no exame do CELPE-Bras<sup>8</sup>. Atualmente, esse informante (Jesus) está aguardando o processo de naturalização, pois está há mais de quatro anos no Brasil.

Um segundo ponto que observamos nas experiências laborais, é o de que cinco dos sete refugiados entrevistados realizam vários trabalhos para conseguirem manter-se. É o caso de Naim, que além de trabalhar no ramo de alimentos, trabalha como vendedor de roupas na feira da madrugada no Brás. Ele relatou que chegou a ter seu próprio negócio no centro de São Paulo, mas teve que fechar por não conseguir pagar as taxas.

Jesus é outro que precisou realizar vários trabalhos para conseguir sobreviver no Brasil, como modelo fotográfico, marketing digital, professor de árabe, motorista de aplicativo e, atualmente, empresário autônomo. Para ilustrar a situação, Jesus fez uma analogia sobre as várias ocupações laborais necessárias para conseguir sobreviver no Brasil: “como a gente fala em árabe: eu estou segurando várias melancias em duas mãos só”.

As mulheres sírias relataram que, além de trabalharem no ramo de comida árabe por conta própria, possuem outras profissões, como as de tradutora e tatuadora de henna.

Zayn (29 anos, SP) atuava como Engenheiro de Computação e Design na Síria até 2015, ano em que migrou de Alepo para o

---

<sup>8</sup> Exame de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros.

Brasil.<sup>9</sup> Quando chegou, precisou ter alta capacidade de adaptação e flexibilidade em suas ocupações laborais. Atualmente, ele trabalha como responsável administrativo em uma Mesquita de São Paulo, na qual realiza vários trabalhos. Vejamos um trecho de seu relato:

**A pessoa mais nova consegue aprender mais rápido. Então, a pessoa tem que ficar inteligente, para se adaptar com a situação. Quando você vai falar sobre o que é inteligência, não é uma pessoa que pensa melhor. Inteligência é como a pessoa vai se adaptar com a situação nova, o mais rápido possível.** (Zayn, 29 anos – SP, grifo nosso).

Podemos fazer uma analogia entre a narrativa de Zayn e a noção de flexibilidade de Richard Sennett (1999), segundo a qual os trabalhadores precisariam abrir mão de suas longas carreiras, exigindo que eles estejam abertos às mudanças em um curto período de tempo, e, principalmente, que estejam preparados para os projetos que envolvam riscos.

O exemplo e a experiência de Zayn não são únicos. Trata-se de uma experiência coletiva, que não só abrange o grupo de trabalhadores refugiados, mas toda a massa de trabalhadores no contexto do capitalismo “flexível”. Nesse contexto, “a incerteza e o correr risco [são vistos] como desafios no emprego”, assim como a experiência do “aproveitar” o “tempo, o lugar e o trabalho” e “manter-se aberto à mudança”. As pressões estruturais que advém do contexto econômico na lógica do capitalismo global e “flexível”, alimentam o que Sennett chama de “experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego a emprego”, roendo o caráter, eliminando reconhecimentos com os seus pares, especialmente entre as novas gerações (SENNETT, 1999, p. 17-32).

Pensamos que a condição laboral dos refugiados não se diferencia daquela de uma grande parcela da classe trabalhadora brasileira, no que se refere às pressões advindas da crise econômica

---

<sup>9</sup> Os nomes dos entrevistados são todos fictícios.

e da precarização do trabalho. Além de os refugiados precisarem trabalhar em vários serviços e sem as proteções sociais adequadas, existe um agravo em relação aos trabalhadores refugiados de um país, cuja maioria da população é islâmica, com língua e hábitos bem diferentes dos nacionais, estando à mercê de ideologias que os criminalizam.

Zayn também teve muitas dificuldades assim que chegou ao Brasil, com a língua portuguesa, o que é uma realidade e um desafio para os refugiados árabes em geral. Todos os entrevistados se apresentaram como fluentes em inglês, entretanto, a língua não os ajudou muito, pois precisaram aprender a língua portuguesa para conseguirem emprego.

Outro caso que nos chamou a atenção foi o de Omar (32, SC), que estudou Sistema de Informação em Damasco. Atualmente, ele é funcionário de um restaurante de comida árabe no centro de Florianópolis – SC. Eis um trecho de sua entrevista.

**Lá na Síria eu estava estudando e faltaram oito matérias (módulos) para terminar o curso. Achei uma porta fechada na minha frente, infelizmente, tem que começar a vida de novo.** (Omar, 32 anos – SC, grifo nosso).

Omar, não conseguiu continuar o curso universitário de onde ele havia parado na Síria, a universidade não reconheceu as disciplinas cursadas em Damasco. Vários entrevistados relataram as dificuldades em se conseguir validar diplomas no Brasil e se referiram aos trabalhos precários a que muitos têm que se submeter, ocupando funções diversas das que ocupavam na Síria antes da guerra. Podemos pensar em uma situação de “(...) desvantagem, de invalidação social”. Aspectos que ganham sentido no quadro de uma “problemática da integração” (CASTEL, 2012, p. 23).

## Discriminação e preconceito

Os novos imigrantes que chegam ao Brasil no século XXI, especialmente os oriundos de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, enfrentam diversas dificuldades, como a falta de políticas públicas para imigrantes e refugiados, a ausência de oportunidade de trabalho, devido às barreiras linguísticas, o preconceito e até mesmo a desinformação sobre os direitos dos refugiados nos órgãos públicos.

Alguns dos nossos entrevistados relataram situações de preconceito e discriminação, no que diz respeito à religião islâmica (predominante na Síria). Não houve relatos de preconceito de cor entre o grupo que entrevistamos. A maioria dos sírios possui características de cor branca ou parda, assim, podem facilmente passar despercebidos e serem tidos como brasileiros (não negros), a não ser quando a mulher síria e muçulmana faz uso do hijab. Ao contrário da população imigrante africana e haitiana, que como o negro brasileiro, sofre o racismo estrutural. Todavia, a pauta do racismo, do preconceito e da xenofobia encontra-se em ascensão nacional e internacional.

O imigrante chega a um país com a sua própria legislação e encontra-se sujeito a ela, nem sempre possuindo os mesmos direitos dos nacionais, ou seja, direitos plenos de cidadãos. Em muitos casos, os imigrantes são vistos como estranhos e associados ao “risco imponderável nos discursos políticos de apelo nacionalista” (SEYFERTH, 2008, p. 8). Essa representação sobre o imigrante no Brasil sempre existiu, sobretudo, em relação àqueles menos sujeitos ao “abrasileiramento”. Trata-se de uma forma de “xenofobia radicalizada”, que se fez muito presente no Brasil, no período entre as duas grandes guerras mundiais. (SEYFERTH, 2008, p. 8).

Diante desse quadro, procuramos identificar se no atual contexto histórico, econômico, político e ideológico, esta representação, carregada de preconceito em relação ao imigrante, teria comparecido com força no Brasil. Os testemunhos comprovaram atos de discriminação e xenofobia a que estão sujeitos os refugiados sírios.

**Outra vez, no supermercado [uma grande rede de supermercados de Florianópolis], eu estava com o meu amigo falando em árabe (a nossa língua nativa, eu não vou falar com ele em português) sobre o que iríamos comprar e o que iríamos fazer. Chegou uma pessoa e falou: aí, não fala em outra língua aqui no nosso país! Você tá falando árabe, né? (Jesus, 28 anos – SC, grifo nosso).**

Ela (a diretora) pegou o meu papel e falou, você é muçulmano, não é? **Eu falei: sim. Aí ela perguntou se nós rezamos cinco vezes por dia, se quando chegasse a hora da aula, eu iria dar a aula ou fazer a reza? (Zayn, 29 anos – SP, grifo nosso).**

**Um dia, quando eu tinha restaurante, chegou uma cliente e falou pra minha ex-mulher - cuida dessas pessoas porque são demônios e eles mudam a cabeça. Eu estava na cozinha e a minha esposa (brasileira) ficou brava e falou - não pode falar assim... ele é meu marido. (Jesus, 28 anos – SC, grifo nosso).**

De fato, o imigrante, tendo ou não status jurídico de refugiado, pode ser visto (e muitas vezes o é) como um precursor de conflitos na sociedade receptora, sobretudo, quando tratamos das migrações internacionais, transnacionalizadas em um mundo avançado pelo imperativo da globalização, porém, com suas limitações quando se trata dos parâmetros dos Estados Nação. (SEYFERTH, 2014). Diante disso, o processo migratório internacional é marcado por uma massa de indivíduos “inempregáveis”, tidos por muitos como “ameaçadores”, “intoleráveis” e “indesejados”. Isso por conta de processos históricos e político-estruturais, permeados por conflitos políticos, religiosos e de poder (BAUMAN, 2017, p. 9).

As duas mulheres sírias entrevistadas optaram por não usar o hijab no Brasil. Aysha relatou que não usa o hijab porque gosta de se sentir livre, já Safira não faz uso do hijab por não se sentir confortável nos espaços públicos. Eis um trecho do relato de Safira:



**Eu acho que o hijab aqui [Brasil] é uma questão de coragem para as mulheres muçulmanas, eu gosto de usar, às vezes eu quero, mas é difícil aqui. Para a minha religião o hijab é bem importante, mas eu não uso. Muitas pessoas acham as roupas das muçulmanas estranhas, acham que somos terroristas, mas não, não é assim!** (Safira, 31 - SC, grifo nosso).

Apesar da discriminação e xenofobia vivenciada pelos refugiados sírios no Brasil, cabe mencionar que uma parcela da população brasileira tem se solidarizado com os refugiados, inclusive através das redes de acolhimento. Assim, temos visões e atitudes discordantes, de um lado, estão os setores ligados aos preceitos dos direitos humanos (organizações da sociedade civil e instituições comprometidas com o direito de migrar), de outro os setores “anti-imigração”, que apresentam uma narrativa colocando os imigrantes e refugiados em um prisma de problemas que envolvem discussões sobre segurança nacional e assimilação. (NETO, 2019).

Esses discursos xenofóbicos tendem a ver os imigrantes (principalmente oriundos de países subdesenvolvidos) como um perigo ou uma ameaça a estabilidade social e aos empregos dos brasileiros. Se, no contexto de redução do papel social do Estado, o sistema público de benefícios sociais mal pode atender aos brasileiros, quanto mais aos estrangeiros – eis a problemática de um discurso que existe e resiste em certas camadas da sociedade civil brasileira, discurso este que não faz a crítica aos mecanismos micro e macroestruturais que levam a crescente concentração e acumulação de riquezas no Brasil e no mundo, aprofundando as desigualdades.

## **Redes de acolhimento**

Nos processos integrativos dos refugiados, tanto na Síria quanto no Brasil, existe “uma correlação entre o lugar ocupado na divisão social do trabalho e a participação nas redes

de sociabilidade e nos sistemas de proteção que ‘cobrem’ um indivíduo diante dos acasos da existência” (CASTEL, 2012, p. 24). Tendo por base esses pressupostos, procuramos identificar em nossas entrevistas a existência de redes de acolhimento envolvidas nas trajetórias de integração e inserção laboral dos refugiados sírios no Brasil, verificando a possibilidade da existência de relações de solidariedade e reciprocidade entre eles, assim como relações de reciprocidade entre os refugiados e as organizações sociais que lhes prestam assistência.

Os imigrantes desenvolvem redes de relações e partilham significados e representações sociais, tanto das sociedades de origem como nas de destino, constituindo fluxos migratórios multifacetados e supranacionais. (CAVALCANTI; PARELLA, 2017). Esta noção também oferece subsídios para a compreensão das redes de acolhimento, das informações de pessoas conhecidas e consideradas confiáveis, que já migraram e que eventualmente podem contribuir com o processo migratório. Tais redes de apoio e ajuda mútua podem oferecer condições de subsistência àqueles que se refugiam no país de destino, constituindo-se numa eficiente “(...) estrutura de espaços sociais internos, canais de comunicação e de trocas.” (PORTES; BOROCZ, 1989, p. 572). Assim, “as redes sociais facilitam a circulação de informações e asseguram a confiança.” (MATEDDI, 2005, p. 65; GRANOVETTER, 1985).

Todos os refugiados que entrevistamos relataram o papel importante no acolhimento oferecido pelas mesquitas, a chamada comunidade muçulmana. Ainda que todos os entrevistados sejam islâmicos, há que destacar que a Síria é um país heterogêneo, tanto em relação à etnicidade (drusos, curdos árabes, etc.) quanto à religiosidade (muçulmanos, cristãos, ateus, etc.). Vejamos a seguir alguns relatos de entrevistados acerca do apoio recebido e do papel das redes de acolhimento.

**No meu caso, uma pessoa me ajudou do Brasil, me mandou uma carta [quando estava na Síria]. Essa carta me ajudou bastante (no Consulado do Brasil, no Líbano) porque ao menos terá uma pessoa que**

**vai me acolher, eu consigo ficar na casa dele. Como eu já estava formado, eu consegui um trabalho no começo mesmo. Isso me ajudou bastante. (...)** Aqui (na Mesquita) a gente oferece (iniciativas de apoio) importantes aos refugiados (Zayn, 29 anos – SP, grifo nosso).

**O brasileiro, em geral, me ajudou bastante. ONGs, como a Adus, a Caritas, a Migraflif, I know my rights (IKMR)... Algumas me ajudaram, outras mais ou menos, porque agora tem muitos refugiados e o problema aqui no Brasil é que o governo não ajuda.** (Naim, 45, SP, grifo nosso).

Verificamos nos relatos que os refugiados sírios receberam suporte das Mesquitas, tanto em São Paulo (Sociedade Beneficente Muçulmana - SBM) quanto em Florianópolis. Alguns refugiados também foram acolhidos pela Caritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP) pelo Centro de Atendimento para Imigrantes (CRAI- SP) e por diversas organizações sem fins lucrativos, como a Migraflif<sup>10</sup>, *I Know My Rights*<sup>11</sup>, e o Instituto de Reintegração do Refugiado (ADUS -SP).

Verificamos, mediante os relatos, que diversas redes de acolhimento foram procuradas pelos refugiados no decorrer das suas trajetórias. Cabe mencionar que elas também colaboraram com a nossa pesquisa, concedendo contatos de refu-

---

<sup>10</sup> A Migraflif é uma organização não-governamental criada em 2015, com o objetivo de integrar refugiados e imigrantes social e economicamente. Disponível em: <https://www.migraflif.com.br/quem-somos>. Acesso em 02/06/2019.

<sup>11</sup> KMR – Eu Conheço Meus Direitos – é uma ONG brasileira, fundada em 2012, com atuação em São Paulo. IKMR é uma ONG que se dedica de forma específica às crianças refugiadas, sendo regida pelas disposições contidas na Convenção Internacional dos Direitos das Crianças, no Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.ikmr.org.br/>. Acesso em 30 de agost. 2019.

giados de nacionalidade síria que se dispuseram a participar desta investigação. No Brasil, se fizermos um mapeamento, encontraremos uma rede muito sólida de ONGs, movimentos sociais e instituições engajadas no acolhimento e solidariedade aos imigrantes e refugiados.

### **Considerações finais**

Em campo, ouvimos narrativas de otimismo, pessimismo, insucessos, sofrimentos, erros e acertos. Buscamos identificar, por meio das entrevistas narrativas, as trajetórias laborais dos refugiados sírios, considerando o problema da xenofobia e as manifestações de discriminação em percursos laborais no Brasil. Vimos que suas trajetórias profissionais e de formação escolar - que foram interrompidas pela guerra - não conseguiram ser retomadas e/ou reconhecidas na maioria dos casos, culminando na precarização da vida dessas pessoas, cujas atividades laborais instáveis, na maioria das vezes, não requerem qualificação e não oferecem proteção social adequada. Esse quadro se agrava em função do estigma criado por ser estrangeiro e muçulmano, alimentado pelo atual crescimento do discurso xenofóbico.

Lopes (2015) argumenta que diante do contexto de crise econômica, social e política, uma parcela da população brasileira tende a reagir de maneira hostil em relação aos refugiados e imigrantes. O mais grave é que essas manifestações de preconceito não partem apenas da elite, mas também de uma parcela da classe trabalhadora brasileira, para a qual os imigrantes são considerados uma ameaça a sua empregabilidade.

Se, por um lado, a prevalência dos direitos humanos é um princípio pelo qual “se rege o Brasil nas relações internacionais.” (MOREIRA, 2019, p. 2), por outro, vivenciamos desde 2016 um contexto de retrocessos, marcado por uma crise econômica e social e pelo refortalecimento do conservadorismo político, assentado nos valores de uma elite econômica que se sente superior ao se afirmar cristã e ocidental.

Desde 2016, com o governo Temer, até 2019, com o governo Bolsonaro, tem-se intensificado as políticas de redução do papel social do Estado e dos direitos trabalhistas, o que pode dificultar ainda mais a vinda de imigrantes e refugiados, sobretudo, de países subdesenvolvidos. Conforme a última contagem da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), no último trimestre de 2019, o desemprego no Brasil ficou em 11,8%, correspondendo a 12,5 milhões de pessoas.

Portanto, consideramos que os problemas relativos à precarização do trabalho e ao aumento do desemprego estrutural e conjuntural, podem ser um fator repulsivo em relação à vinda de imigrantes e refugiados para Brasil. Podemos concluir que vivenciamos um momento de tensão entre os que lutam por direitos e os que adotam posições de intolerância contra grupos sociais em condições de vulnerabilidade (racismo, xenofobia, islamofobia, misoginia e homofobia). Os nossos entrevistados têm criado suas estratégias de integração social e laboral em condições bastante adversas. As narrativas revelam, em vários momentos, o desânimo, e, por vezes, esperança e gratidão pelo acolhimento recebido. Vários olhares emergem nesse entrelaçamento das trajetórias e suas histórias contadas.

## Referências

BAENINGER, Rosana.; FERNANDES, Duval. (Orgs). **Migração Refugiada**. Atlas Temático. 1. Ed. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquió” – Nepo/ UNICAMP, 2018.

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira, LEÃO, Renato Zerbine Ribeiro. O Brasil e o Espírito da Declaração de Cartagena. **Forced Migration**, V. 35, p. 45-47, 2010. Disponível em: <https://www.fmreview.org/sites/fmr/files/FMR35brasil.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

BAUMAN, Zigmunt. **Estranhos à nossa porta**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BRAGA, Ruy. **A Rebelião do Precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** 4 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAVALCANTI, Leonardo; PARELLA, Sônia. (2015). Um Convite às teorias e conceitos sobre migrações internacionais. In. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**. Leonardo Cavalcanti [et. Al.], (Org). – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GRANOVETTER, Mark. *Economic action and social structure: the problem of embeddedness*. **American Journal of Sociology**, 91(3): 481-510, 1985. Disponível em: [http://library.mibckerala.org/lms\\_frame/eBook/Economics%20and%20Business%20Ethics/Biggart%20%20Readings%20in%20Economic%20Sociology%20\(Blackwell\).PDF#page=88](http://library.mibckerala.org/lms_frame/eBook/Economics%20and%20Business%20Ethics/Biggart%20%20Readings%20in%20Economic%20Sociology%20(Blackwell).PDF#page=88). Acesso em: 17 abr. 2020.

GORDON, Milton. *Assimilation in American Life*. New York, Oxford University Press -1964.

GOMES, Maria Soledad Etcheverry de Arruda. **Empregabilidade nos tempos de reestruturação e flexibilização: trajetórias de trabalho e narrativas de ex-empregados do setor elétrico brasileiro**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

GREEN, Nancy. O tempo e o estudo da assimilação. **Antropolítica**, n. 25, 2º sem, p. 23-47, 2008. Disponível em: [www.ufpr.academia.edu/MarciodeOliveira](http://www.ufpr.academia.edu/MarciodeOliveira). Acesso em: 16 abr. 2020.

JUBILUT, Liliana Lyra; GODOY, Gabriel Gualano. (Org). **Refúgio no Brasil**. Comentários à Lei 9.474/97. Editora: Quartier Latin do Brasil. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil-Coment%C3%A1rios-%C3%A0-lei-9.474-97-2017.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

LOPES, Cristiane Maria Sbalqueiro. Migrações, mundo do trabalho e atuação do Ministério Público do Trabalho. In: Erlan. J. P. e Renata C. (ORG.). **Migrações e trabalho** Brasília: Ministério Público do Trabalho. Disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Livro\\_Migracoes\\_e\\_TrabalhoWEB.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Livro_Migracoes_e_TrabalhoWEB.pdf). Acesso em: 17 abr. 2020.

LODETTI, Mariá Boeira. **Continuidade Partida. Impactos Psicológicos da Imigração em Refugiados Sírios Residentes na Grande Florianópolis**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2018.

MOREIRA, Julia Bertino. Migrações internacionais e refúgio sob a ótica do governo Bolsonaro. In **Revista Mundorama**, 25/11/2019. Disponível em: <https://mundorama.net/?p=26743>. Acesso em: 17 abr. 2020.

MUÑOZ, Juan José Pujadas. *El Método biográfico: el uso de las historias de vida em ciencias sociales*. **Cuadernos Metodológicos**. Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, n. 5, sep. 1992. Disponível em: <https://www.uv.mx/mie/files/2012/10/MetodoBiografico.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

NETO, Helion. Póvoa. **Barreiras físicas à circulação como dispositivos de política migratória: notas para uma tipologia**. (2019). Disponível em: [https://www.pucsp.br/projetocenarios/downloads/CDH/barreiras\\_fisicas\\_a\\_circulacao\\_%20como\\_dispositivos\\_de\\_politica\\_migratoria.pdf](https://www.pucsp.br/projetocenarios/downloads/CDH/barreiras_fisicas_a_circulacao_%20como_dispositivos_de_politica_migratoria.pdf). Acesso em: 28 de jan. de 2020. Acesso em: 17 abr. 2020.

PEREIRA, João Baptista Borges. Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira. **Revista USP**, São Paulo, SP, n. 46, p. 6-29, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30123>. Acesso em: 17 abr. 2020.

PORTES, Alejandro; BÖRÖCZ, József. *Contemporary immigration: Theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation. International Migration Review*, vol. XXIII, núm. 3, p. 606-630. Oton. de 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/publisher/cmigrations>. Acesso em: 17 abr. 2020.

RAUD-MATTEDI, Cécile. **Análise crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter**: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação. *Política & Sociedade*, nº 6. p. 59-82, abril de 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/1931/1698>. Acesso em: 17 abr. 2020.

REA, Andrea; TRIPIER, Maryse. *Sociologie de l'immigration. Paris: La Découverte, 2003.*

RAMALHO, José Ricardo. Trabalho e Sindicato: posições em debate na sociologia hoje. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 00, 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S00115258200000400006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S00115258200000400006&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 17 abr. 2020.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa Social Interpretativa**: uma introdução. 5ª ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2014.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artimed, 2010.

SASSEN, Saskia. **Três Migrações Emergentes**: uma mudança histórica. Dossiê SUR 23 - v.13 n.23 • 29 – 42, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2016/09/2-sur-23-portugues-saskia-sassen.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

SEYFERTH, Giralda. Cartas e Narrativas Biográficas no Estudo da Imigração. In. *Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas*. Demartini, Zelia de Brito Fabri e Truzzi, Mário Serra, (ORG). – São Carlos: EdUFSCar, 2005.

SEYFERTH, Giralda. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. **26ª Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008. Porto



Seguro, Brasil. Disponível em: <https://imigracaohistoricablog.files.wordpress.com/2017/07/seyferth-giralda-imigrantes-estrangeiros-a-trajetc3b3ria-de-uma-categoria-incc3b4moda-no-campo-polc3adtico.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

SEYFERTH, Giralda. **O Problema da Imigração no Brasil**: continuidades e mudanças. Congresso Português de Sociologia, 2014. Disponível em: <https://imigracaohistoricablog.files.wordpress.com/2017/07/seyferth-giralda-o-problema-da-imigrac3a7c3a3o-no-brasil-continuidades-e-mudanc3a7as.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. **Refúgio em números 4º Edição**. Ministério da Justiça, 2019. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TRUZZI, Oswaldo. **Sírios e Libaneses e seus descendentes na sociedade paulista**. In. Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina. Org. Fausto, Boris. – São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1999.

**Dados sobre o Refúgio no Brasil**. ACNUR – Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

**Registro Nacional de Estrangeiro**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/89610138/sincre-sistema-nacional-de-cadastro-e-registro-de-estrangeiros>. Acesso em: 14 abr. 2020.

ACNUR (**Agência da ONU para Refugiados**). **Protegendo Refugiados no Brasil e no Mundo**, 2018. (Cartilha). Disponível em: [https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2018/Cartilha\\_Protegendo\\_Refugiados\\_No\\_Brasil\\_2018.pdf?file=fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2018/Cartilha\\_Protegendo\\_Refugiados\\_No\\_Brasil\\_2018](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2018/Cartilha_Protegendo_Refugiados_No_Brasil_2018.pdf?file=fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2018/Cartilha_Protegendo_Refugiados_No_Brasil_2018). Acesso em: 11 fev. 2020.

ACNUR (Agência da ONU para Refugiados). Brasil. 19 de Junho de 2018. Deslocamento forçado supera 68 milhões de pessoas em 2017 e demanda novo acordo global para refugiados. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2018/06/19/mais-de-68-milhoes-de-pessoas-deslocadas-em-2017-e-essencial-um-novo-acordo-global-sobre-refugiados>. Acesso em: 04 mar. 2020.

**Migrant crisis: Migration to Europe explained in seven charts.** Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-34131911>. Acesso em: 24 mai. 2019.

**Taxa de desocupação no Brasil.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=desemprego&searchphrase=all>. Acesso em: 11 fev. 2020.

**Pessoas nascidas na Palestina que migraram para a Síria.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/sabores-arabes-amenizam-saude-de-refugiado-sirio-palestino-no-brasil/>. Acesso em: 07 fev. 2020.

**A Migraflix é uma organização não-governamental sem fins lucrativos criada em 2015 com o objetivo de integrar refugiados e imigrantes social e economicamente.** Disponível em: <https://www.migraflix.com.br/quem-somos>. Acesso em: 02 jun. 2019.

**Refúgio em Números e Publicações.** Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numericos>. Acesso em: 26 fev. 2020.

**Os números que podem derrubar mitos e clichês sobre a migração ao redor do mundo.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47646813>. Acesso em: 26 fev. 2020.